

## Técnicas de captura de onça e o jovem Mr. Wonderful

Categories : [Rastro de Onça](#)

O texto a seguir é [a continuação da primeira parte do artigo](#) "**Top cat in a vast Brazilian marsh**" (*Predador de topo em um vasto pântano brasileiro*), publicado no **Animal Kingdom Magazine**, Setembro/Outubro 1986, e re-publicado em 1988 (**Ultralight Flying!**, February (144): 16-19) e em 1989 (**Current Science**, 74 (11): 4-6). O artigo narra a história sobre o estudo das onças na Miranda Estância, no sul do Pantanal, com um período entre agosto de 1978 e abril de 1980.

As onças são tão discretas em seus hábitos que a única hora em que tínhamos contato direto com elas era durante as capturas para colocação dos colares – obviamente o aspecto mais excitante do nosso trabalho. Nós adotamos um dos métodos tradicionais de caçar esses felinos no Pantanal, usando cachorros especialmente treinados, que perseguiram o animal até que ele subia em uma árvore ou o acuavam em um trecho de vegetação cerrada. Cada captura era um novo evento e nenhum participante – nem a onça, nem cachorros, cavalos, ou pessoas – reagiam da mesma forma.

O dia em que capturamos Dolly, uma fêmea adulta, nós estávamos na trilha de outra fêmea, a Mãe, para troca de seu colar, cuja bateria necessitava substituição (o tempo de duração é de pouco mais de um ano). Nosso grupo – Sr. Jaime, capataz do retiro Piúva, Darlindo, prático dos cachorros, Howard, e eu – estava atravessando um trecho de campo alagado, quando o Sr. Jaime viu uma onça sair de um pequeno capão de mata e correr para a floresta próxima. Depois de testar as frequências dos nossos animais aparelhados, eu tive certeza que esse era um animal novo, sem colar.

Nós soltamos os cachorros e um pandemônio se formou. Latindo em frenesi, eles imediatamente pegaram o rastro de cheiro (a "batida", como dito no Pantanal) deixado pela onça e entraram na mata. Amarrando os cavalos na sombra, nós abrimos uma trilha pela vegetação fechada, nos apressando para ficar perto o suficiente dos cachorros para escutar seus latidos. De repente, os latidos mudaram de tom, do uivo contínuo característico da corrida, se transformaram em latidos curtos e excitados: a onça havia empoleirado, havia subido em uma árvore! Os olhos experientes do Darlindo logo a localizaram agachada em uma forquilha, mimetizando a folhagem densa. Ele e o Jaime prenderam os cachorros nas coleiras e os amarraram a uma distância dali. Howard e eu simultaneamente atiramos dois dardos, um em cada quarto muscuroso do animal, e nos afastamos silenciosamente, para que ela pudesse descer antes que o anestésico fizesse efeito.

Quando saltou no solo, já tonta, ela começou a correr em círculos. Por duas vezes ela chegou a pouco mais de um metro de mim, mas trocou de direção, sem qualquer sinal de agressividade, quando eu gritei com ela e bati palmas. Antes que pudéssemos atirar mais um dardo, ela desapareceu na vegetação rasteira. Logo em seguida, Darlindo novamente a encontrou deitada,

quieta, mas ainda alerta, embaixo de um arbusto. Mais um dardo, desta vez na paleta, e em poucos minutos ela estava dormindo inofensiva a nossos pés. Quando a examinamos, descobrimos que essa fêmea de 75 quilos estava no cio: ela tinha ainda sêmen na sua vulva inchada. Pequenos cortes abertos na sua cabeça, pescoço, e ombros atestavam o seu recente encontro amoroso. Ajustamos o rádio-colar no seu pescoço de forma segura e esperamos a uma distância prudente até que ela se recuperou da anestesia e se afastou do local.

O capão de onde ela havia saído revelou mais surpresas. Não apenas encontramos ali pegadas frescas de um macho adulto, misturadas às dela, mas também as carcaças de uma fêmea subadulta de onça parda e de um macho subadulto de anta. Ambos os animais tinham sido destramente mordidos na nuca. Os felinos estavam provavelmente comendo a anta quando interrompemos a sua refeição com a nossa chegada. Marcas no capim indicaram que eles haviam matado a anta em outro capão, distante uns 60 m, e a arrastaram até onde elas haviam matado a parda, mas não como alimento. Isso me lembrou uma ocasião em Acurizal, quando um casal de onças pintadas havia matado um tamanduá-mirim aparentemente por brincadeira, pois eles meramente o morderam na nuca e o abandonaram. George Schaller havia especulado que essa pode ser uma forma de reduzir a tensão e a agressividade entre um casal enquanto a fêmea ainda não está muito receptiva.